



O CORPO COMO FRONTEIRA

MAÍRA PEREIRA MAKIYAMA¹; EDUARDA GONÇALVES²; *orientador*

¹Universidade Federal de Pelotas – mairamakiyama@gmail.com1

² Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br2

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo versar sobre a realização do vídeo “Fronteira” (Disponível em: <https://vimeo.com/236835199>), que revela a cartografia e o deslocamento como um processo artístico. Nesse abordo questões oriundas de etnias que compõem e desenharam o meu corpo e as formas como estas se apresentam. Para isso, desenho no meu rosto uma linha que o divide ao meio, a parte brasileira e a japonesa, evidenciando o corpo como um território de uma cartografia fronteiriça. O vídeo foi realizado a partir do ingresso na pesquisa do projeto de pesquisa Deslocamentos e Cartografias Contemporâneas, sob orientação da Prof^a Dra. Eduarda Azevedo Gonçalves, como bolsista de iniciação científica (PIBIC) desde 2015. O envolvimento com o estudo e a investigação de conceitos, produções artísticas que revelam o deslocamento como prática e mote para a criação artística investigadas por meio de levantamento de monografias, dissertações e teses, me conduziram naturalmente ao desenvolvimento de meu processo de criação, reverberando na realização de uma ação em meu rosto, que possui traços que revelam minha descendência japonesa, fator que foi evidenciado mais fortemente após minha vinda para o Rio Grande do Sul.

METODOLOGIA

Levantamento e estudo de bibliografias, artigos, exposições, catálogos, leitura de catálogos de artistas. A investigação sobre o processo de criação da artista cubana Ana Medieta, em que os conceitos como corpo-território pode ser apontado. Assim como, realizei estudos sobre o uso de editores de vídeo para realização do vídeo “Fronteiras” (Figura 1) Utilizei o editor de vídeos Adobe Premiere.

uma câmera filmadora gravei o reflexo do meu corpo no espelho, realizando a ação sobre meu rosto, desenhei uma cartografia, ou seja uma linha que divide meu rosto ao meio da nuca ao queixo compor um traço de lápis de maquiagem. De um lado escrevi a palavra “Pereira” de meu sobrenome de origem portuguesa do meio ao lado direito do meu rosto, revelando simbolicamente o lado ocidental da minha família. Do outro lado, o esquerdo escrevi o meu sobrenome “Makiyama” advindo de meus antecedentes de origem Oriental, indicando a outra parte de minha constituição genética e familiar. Após o término da inscrição, separando a face e revelando como cada lado os territórios que carrego, inclinei o rosto para a lente da câmera evidenciando a parte oriental, parte essa muito expressiva e a qual sou sempre remetida pelas pessoas, principalmente no Rio Grande do Sul, onde há menos descendentes de japoneses.



Figura 1. Maíra Makiyama, (2017) Frame do vídeo Fronteira, (Pelotas), 2017.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ingresso na graduação em Artes Visuais Bacharelado acarretou a mudança de minha cidade natal, Ubatuba/SP para a cidade de Pelotas/RS, onde habito atualmente, me permitindo criar elos com o a cidade e ter vivências típicas do povo gaúcho. Em meio a essas vivências com as pessoas locais percebi uma grande curiosidade sobre minha etnia, sendo Sansei (terceira geração) por causa da minha descendência japonesa e como meu corpo carrega um território simbólico, corpo-território como conceitua Teresa Carreiro em seu artigo Corpo e contemporaneidade. Ela revela que: “o corpo é considerado, ao mesmo tempo, um lugar de expressão da subjetividade e das questões sociais.”(CARRETEIRO,2005). Ou seja, comecei a perceber a relação entre corpo e território, e passei a gerar reflexões sobre o que habita meu corpo, o que carrego geneticamente e a atribuição de valor social por ser descendente de japoneses. Marcelo Ennes em seu estudo sobre os nipo-brasileiros apresenta o conceito de “identidade inacabada” em que revela “o processo dinâmico e ininterrupto de construção e desconstrução de identidades étnico-culturais” (Ennes, 2001:16). Assim, me surgiram questões sobre minha identidade. O corpo carrega territórios, mundos “Entre os dois mundos, esses descendentes não chegam a ser japoneses e tampouco são totalmente brasileiros em termos físicos.”(KOBÉ, Ana 2008, p.29) e culturas, aquelas que habitamos, aqueles que carregamos geneticamente e aqueles que nos são oferecidos. Para Deleuze e Guattari, território pode ser entendido a partir do conceito de desterritorialização, assim:

O traçado territorial distribui um fora e um dentro, ora passivamente percebido como o contorno intocável da experiência (pontos de angústia, de vergonha, de inibição), ora perseguido ativamente como sua linha de fuga, portanto como zona de experiência. (ZOURABICHVILI,2004)



Em busca de trabalhos artísticos que revelavam a potência do corpo como território a ser explorado, e trabalhos relacionados com algum tipo de cartografia do corporal me deparei com mulheres artistas que me interessam e me inspiraram a realizar meu trabalho.

Na concepção do corpo como território a ser explorado aponto o trabalho de Lygia Clark apresentado na exposição Cartografia sensorial, onde a artista propõe ao público experimentar objetos relacionais, como O eu e o tu: Série Roupas-Corpo-Roupa (1967), onde duas pessoas vestindo uma roupa que cobre os olhos e as orelhas estão ligadas por um tubo, onde a abertura da roupa possibilita uma exploração tátil para o corpo do outro. Embora a artista não apresente a representação do mapa, se refere a ação como uma cartografia.

A artista cubana Ana Medietta com sua série de silhuetas efêmeras, uma cartografia do *corpo* imersa no território natureza. O corpo feminino me interessa, a origem da vida, o retorno ao um território que nós pertence. A partir dos percursos que realizo criando elos com os lugares e pessoas que neles habitam, ocorre uma transformação na maneira como me vejo. Descubro assim, um novo eu e uma nova forma de perceber meu corpo, envolvendo o corpo da cidade e a cidade-corpo como conceito revelado em artigo Corpo - Cidade de Cassio Hissa e Maria Nogueira.

O corpo: anúncio de movimento; detonador de ações e memórias; dentro-fora; interno-externo; inexaurível. A vida urbana é feita das relações corpo-cidade, espaço-movimento, afeto-ação. A cidade-terreno é a cidade no nível da rua, produzida por corpos e movimentos, do que está sendo feito da vida urbana. O corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo. (HISSA, c. e. v.; NOGUEIRA, m. l. m., 2013, p.56)

A cartografia que me interessa é uma cartografia que parte de uma experimentação do mundo a partir do corpo. O corpo que é afetado pelo outro e transformado, uma transitoriedade daquilo que carregamos em nós: o outro que nos antecede, os descendentes, os outros afetivos e também os territórios que transitamos. Iniciei uma pesquisa voltada para cartografia, e me deparei com o artigo Um corpo de cartógrafo da Flavia Liberman e Elizabeth Lima,

Considerando que o trabalho do cartógrafo diz respeito às marcas feitas num corpo, é necessário perguntar: que tipo de corpo é este que se deixa afetar pelo mundo? Que tipo de sensibilidade percorre este corpo para dar conta das intensidades vividas? Tal sensibilidade e abertura surgiriam espontaneamente para todos ou alguns, ou poderíamos provocá-las e exercitá-las? Seria possível, ao cartógrafo, construir um corpo – mesmo por alguns “segundos” – que embarque em seu intento exploratório-inventivo? (LIBERMAN, 2015).

4. CONCLUSÕES

A partir dos meus deslocamentos entre as duas cidades, e as relações que busco com as pessoas e os lugares fui atravessada pelas experiências para gerar



reflexões do corpo que carrego, sobre minhas raízes e evidenciar cartografias existentes dentro de nós e que precisamos conhecer ou dar a ver, papel da arte também. O Brasil é um país miscigenado, onde todos nós carregamos um pouco de cada etnia, porém existe um diferencial fisionômico evidente nos descendentes de asiáticos, e mesmo sendo brasileiros possuímos uma certa exotização da fisionomia asiática.

Por meio dos meus deslocamentos físicos e a relação afetiva com os lugares e pessoas, se revelou que “assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo”(ROLNIK, Suely, 1993, p.3), Rolnik, apresenta sobre esse sujeito que está disposto a ser atravessado pelas experiências do mundo “ O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização” (ROLNIK, Suely, 1993, p.4). Da experiência de se deixar ser atravessado por marcas que se fazem a partir de um deslocamento ou gerado por relações sociais nos transformam, gerando uma nova forma de percepção do corpo que carregamos. Essa questão me tomou mais relevância a partir da minha vinda para o Rio Grande do Sul. O corpo que carrego, carrega o território da minha mãe brasileira e baiana que se deslocou para São Paulo, e do meu pai descendente de japoneses, porém o território que sempre me será evidente será o do meu pai. Por meio do vídeo potencializo tais questões que estão presentes nas pluralidades de faces oriundas da imigração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARRETEIRO, T.C. **Corpo e Contemporaneidade**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.11, 17, p.62-76, 2005.
- CLARK, Lygia. Disponível em: <http://www.lygiaclark.org.br/defaultpt.asp>. Acessado em: 20 de setembro de 2017.
- ENNES, Marcelo A. **A construção de uma identidade inacabada**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- KOBE, A.P. A. **A Herança Cultural Japonesa incorporada à Sociedade Brasileira**. In: Ensaios sobre a Herança Cultural Japonesa Incorporada à Sociedade Brasileira. Brasília: FUNAG, 2008. Cap.1, p 17-26.
- LIBERMANN, Flavia. **Um corpo de cartógrafo**. Revista Interface, São Paulo, v.19, n.52, p183-93, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v19n52/1807-5762-icse-19-52-0183.pdf>.
- HISSA, c. e. v.; NOGUEIRA, m. l. m. **Cidade-Corpo**. Revista UFMG, Belo Horizonte, v.20, n.1, p.55-77, 2013.
- ROLNIK, Suely, **Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Cadernos de Subjetividades, São Paulo, v.1, n.2, p.241-251, 1993
- ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução por André Telles, Rio de Janeiro, 2004.